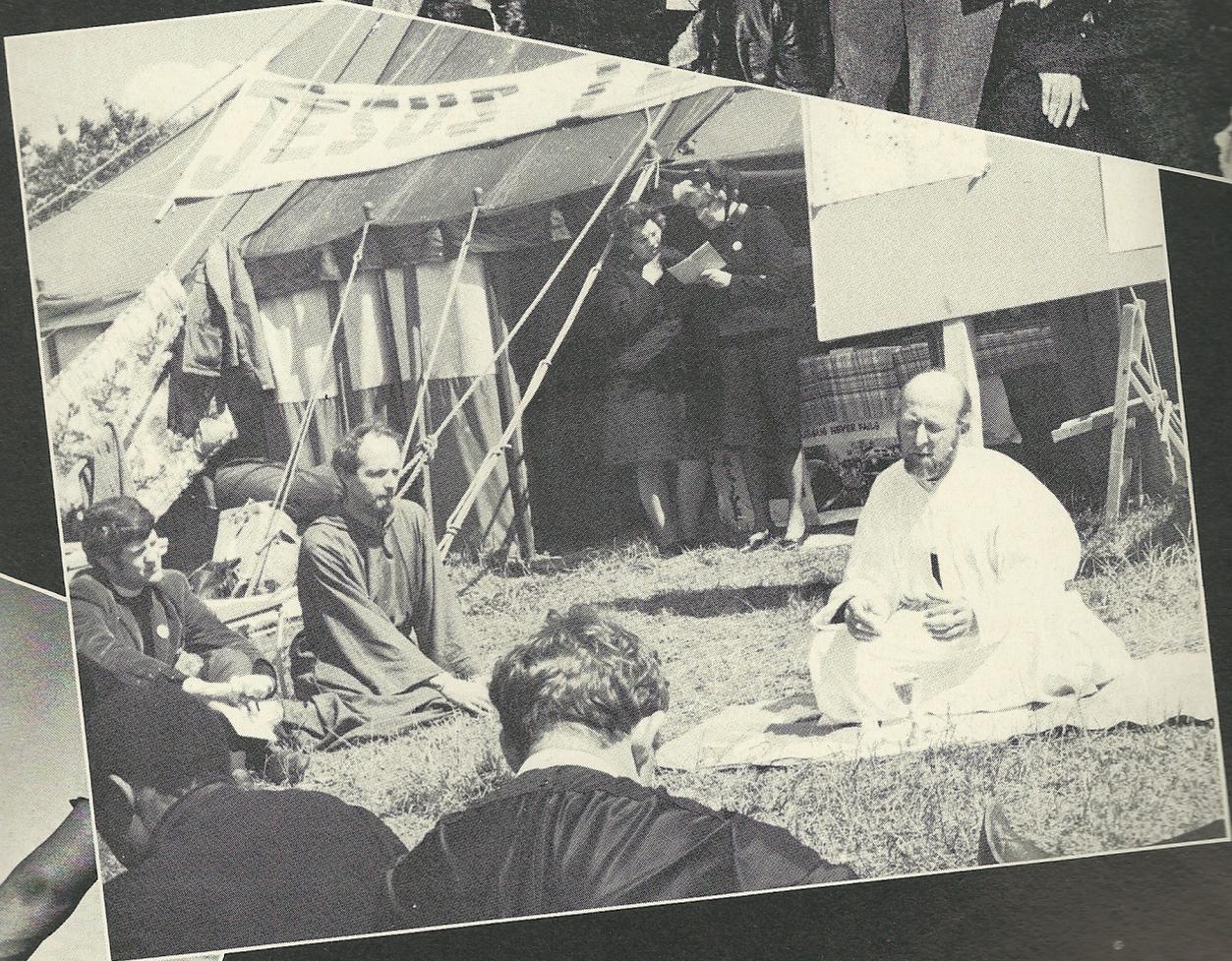
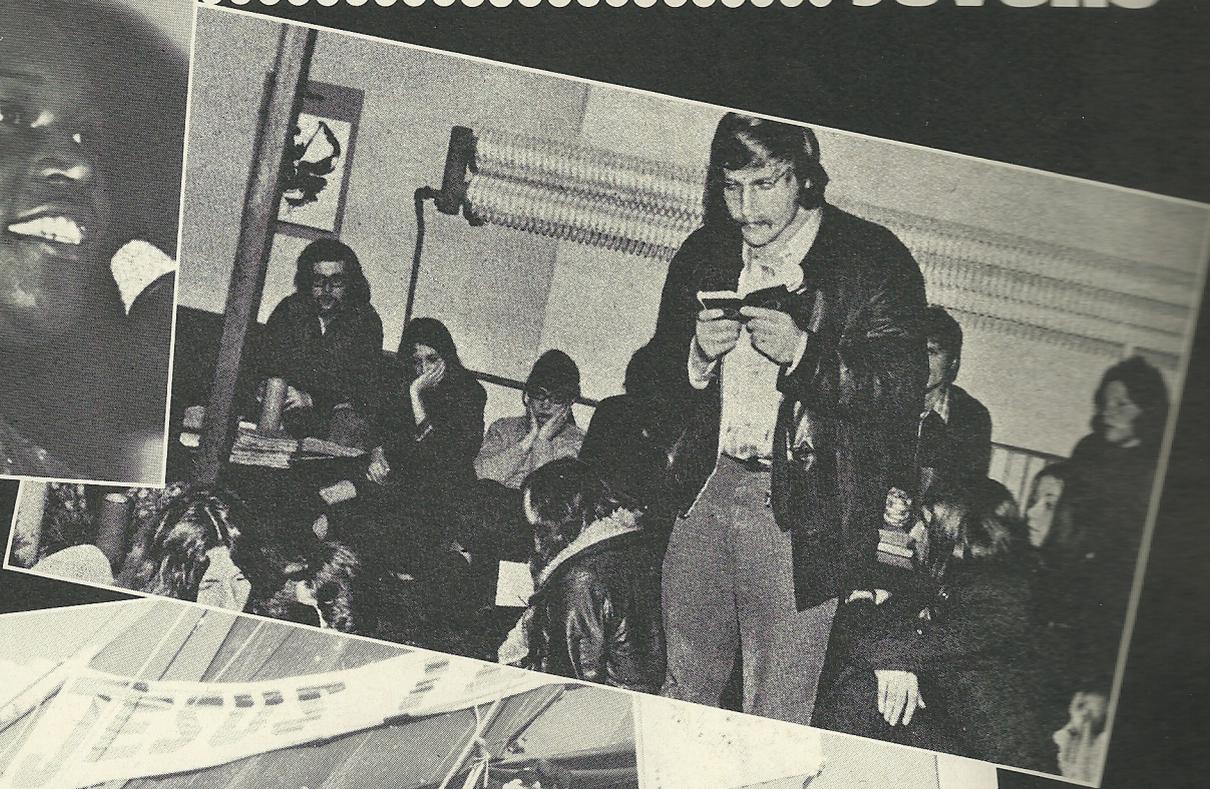


# O CRISTO DOS JOV



# ENS

Ainda paira no ar algo que torna atual a pergunta que há vinte séculos Cristo tinha colocado aos seus discípulos – «Para vocês, quem sou seu?»

## O Cristo dos Jovens

Alguns anos atrás, o Jesus da «Jesus Revolution», do «Jesus People», estava invadindo os nossos mercados, tornando-se rapidamente um produto comercial, um «superstar», um «popstar» para jovens que descobriam um novo despertar religioso. Por outro lado, ao Cristo dos hippies, desligado da história, evanescente em seu ambíguo misticismo, contrapunha-se o Cristo secularizado daqueles que viam apenas sua dimensão horizontal, inserido profundamente na tragédia do homem.

Autêntico ou menos autêntico, exigência sofrida ou moda comercializada, o fato é que o problema de Jesus se apresenta ao homem de nosso tempo, e sobretudo encontra receptividade de nos jovens. «Não há dúvida – nota o jornalista argentino Juan Arias numa análise penetrante – que esta descoberta de Jesus ocorre no caminho da insatisfação global dos jovens de hoje. Os jovens vêem a imagem ideal, isolada de todas as estruturas das igrejas institucionais, de todas as incrustações da história, o símbolo da liberdade, o homem que não trai, o profeta do impossível, da felicidade e da fraternidade, da revolução e da não-violência, que venceu morrendo na cruz.»

Mas, concretamente, o que os jovens pensam de Cristo? Como o vêem? Que sentido Ele tem em suas vidas? Que lugar ocupa em suas esperanças, em suas tensões, em suas decepções? Que soluções traz aos problemas do jovem de hoje?

Estas perguntas foram aprofundadas através de pesquisas, mesas redondas e testemunhos escritos, publicados num livro sob o título «O Cristo dos jovens», editado na Itália.

Muitos jovens responderam com testemunhos vivos, incisivos e sobretudo autênticos. Portanto, indicativos. Alguns deles vêem Cristo apenas de um ponto de vista humano, em dimensão horizontal. Mas em outros testemunhos o discurso vai mais além desta rotulação: o Cristo é entendido na dinamicidade da história, que leva o «homem a ser diferente». «Cristo Deus – escreve um jovem – é a plenitude da figura que sai das páginas do Evangelho ainda viva, provocadora,



*Roger Schutz, prior de Taizé, com um grupo de participantes do «Concílio dos jovens», que todos os anos se realiza com a participação de jovens provenientes de várias nações.*

depois de 2000 anos. Estou convencido de que só aceitando Cristo em suas dimensões humana e divina é possível captar completamente a sua mensagem. Pretender reduzi-lo aos nossos esquemas, significa traí-lo.»

E neste contexto torna-se muito interessante o testemunho de um outro jovem. Ele escreve: «Para mim Cristo é a plenitude da humanidade; como homem Ele – na pobreza do meu espírito – preenche o meu ser com a sua personalidade sempre rica, sempre viva e sempre atual em todos os tempos e em todos os lugares. Isto porque a sua dimensão é a dimensão do Amor que se realiza na dimensão vertical, mas que se desdobra na história, em cada história onde a injustiça, a exploração e a opressão tornam-se o pão cotidiano de uma sociedade em crise, tanto de valores como de modelos de comporta-

mento. Cristo para mim é o modelo por excelência, porque viveu a liberdade, porque Ele é a liberdade e a paz no sentido mais verdadeiro da palavra.»

«Para mim, Cristo é uma esperança – diz um entrevistado. É alguém que pode resolver todos os problemas da minha vida, como também pode levá-la ao fracasso completo, porque é uma escolha total... Se conseguisse ter uma fé profunda, resolveria os meus problemas. Embora esta solução possa dar a impressão de ser vaga...»

Muitos testemunhos referem-se a uma visão da presença de Cristo na história da humanidade, com suas implicações sócio-culturais. Outros trazem a experiência pessoal da salvação da qual Cristo é portador. Outros ainda, a eficácia histórica de Jesus que luta contra o egoísmo e solicita o homem a seguir sua vocação mais verdadeira, a do amor. Não faltam, ainda, aqueles que têm uma concepção marxista de Cristo, ou que fazem algumas restrições, como um universitário que afirmou: «Cristo como homem é alguém



*Tendo lido e analisado o material publicado no citado livro, do qual extraímos alguns trechos, e movidos pelo interesse de conhecer o pensamento dos nossos jovens, procuramos ocasiões em que pudéssemos tomar contato pessoal com rapazes e moças de variadas proveniências, de lugares e grupos diversos, para apresentar-lhes as mesmas perguntas, evidentemente sem a pretensão de realizar uma pesquisa completa, mas apenas dar uma contribuição para quem se interessa por esse problema.*

que para o seu tempo, e também para a nossa época, fez uma proposta válida na medida em que a gente a aceita por completo. Para mim, na minha vida, os slogans "amai-vos", "faça tudo com amor", não apenas no relacionamento com as pessoas mas também com as coisas, me parecem simplesmente bonitas palavras. A nível intelectual, posso aceitar a coisa e reconhecer a sua validade. Mas na minha vida cotidiana isto não acontece. Quando trabalho, por exemplo, não agüento certas situações, então digo palavras a torto e a direito. Para levar em consideração a proposta de Cristo é preciso aceitá-la por completo. É necessário mudar nosso modo de encarar a vida, todos os nossos condicionamentos, a profissão, a carreira... Muitas propostas são sufocadas por uma estrutura rígida.»

Vale destacar que estes testemunhos são de jovens considerados engajados, ou seja, pertencentes a grupos juvenis ligados pelo denominador comum de servir os outros.

Uma dessas ocasiões apareceu em abril, quando se reuniram em São Paulo cerca de 2500 jovens provenientes dos Estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais, Paraná e São Paulo, que na maioria participavam pela primeira vez da Jornada promovida pelo Movimento Gen. O fato de se encontrarem ali indicava que certamente esses jovens tinham, pelo menos, algum vago interesse por Cristo. Mesmo pressupondo que não nos encontraríamos com jovens que assumem uma atitude radicalmente anti-religiosa, a variedade da amostragem em termos de posição social, idade, residência, ligação a grupos diversos, poderia nos fornecer alguns dados significativos para indicar a resposta às questões que nos colocávamos.

Com gravador na mão, logo no início do dia, antes mesmo que pudessem ser envolvidos pela mensagem da Jornada, entabulamos entrevistas pelos pátios e corredores do local da con-

venção, com jovens escolhidos ao acaso. As perguntas feitas à queima-roupa eram sempre as mesmas: «Quem é Cristo para você? A que tipos de anseios e problemas Ele responde? A seu ver, o que Cristo tem a dizer a respeito dos problemas do homem de hoje?»

O que nos causou impressão é que quase todos, frente à pergunta «o que é Cristo para você?», respondiam: «É tudo». Até nos pareceu um slogan aprendido, que emergia ante a pergunta feita de improviso. Por isso, procuramos escavar mais ainda para descobrir aspectos mais concretos deste «tudo».

Cristo é para muitos o «amigo», «alguém que está sempre ao meu lado» e «não deixa a gente na mão», «principalmente nos momentos mais difíceis». Entre outras, diz Goretta (Osasco): «Sempre que você tem um problema, está sozinho e preocupado, Cristo vem lhe dar uma mãozinha para levantar você. Para mim, sempre que

## O Cristo dos Jovens

tenho um problema, eu me apego a Ele e Ele me ajuda...» Esta busca do amigo emerge também como procura da segurança que pessoas de sua convivência não oferecem. «Há muita falsidade hoje em dia – diz Ilka (Piracicaba). A gente espera algo das pessoas e elas não correspondem. Jesus não! Ele está sempre com a gente.» Na mesma linha responde Rita de Cássia (Santo André): «Às vezes a gente sente insegurança, sente que ninguém gosta de nós... Quando a gente briga com alguém e tem a impressão que está sozinha no mundo, ou não tem apoio dos pais, quando a gente está na “fossa” e procura Cristo, Ele sempre ajuda.»

São impressões que a sociedade

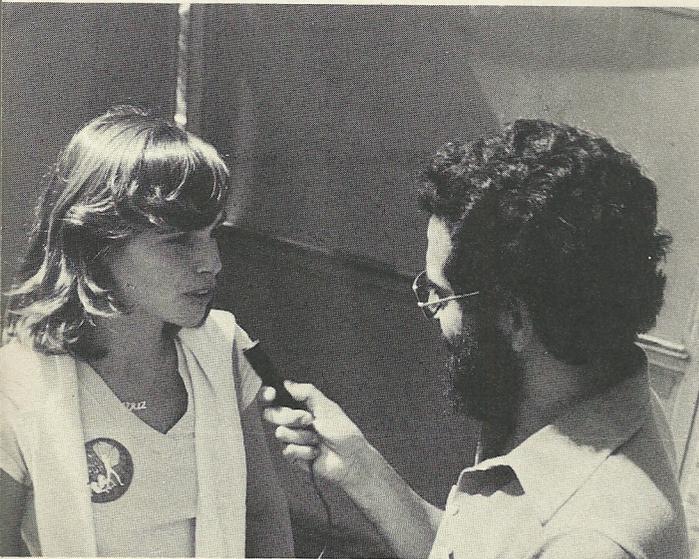
contemporânea imprime no ânimo juvenil. Impressões que, às vezes, encontram alguma explicação mais global, como a que transparece no depoimento de Valdeci (mecânico de manutenção, Rio Claro): «O problema do mundo de hoje é o egoísmo dos homens. Os homens estão destruindo a si próprios, uns aos outros. Mais por causa do dinheiro e do progresso. Mas quando a gente tem um pouco de cristianismo dentro, pensa mais nos outros. Com isso, os grandes problemas, como a pobreza, seriam resolvidos, porque seriam melhor repartidas as coisas.» «E também o problema da violência no mundo de hoje – acrescentaria Ana Lúcia (Ourinhos) – pois quem tem Cristo no coração jamais pratica algum mal.»

Isto é verdade, «porém – diz Ivone (Piracicaba) – os jovens de hoje não estão nem aí com a religião. Muitos co-

legas meus a consideram algo ultrapassado e caçoam dos que têm fé.» Quando perguntamos a Walter (Bragança Paulista) por que tantos jovens assumem hoje atitudes como esta, ele respondeu: «Os jovens de hoje estão mais preocupados com as coisas materiais, carros, sexo, e em resolver seus problemas pessoais.»

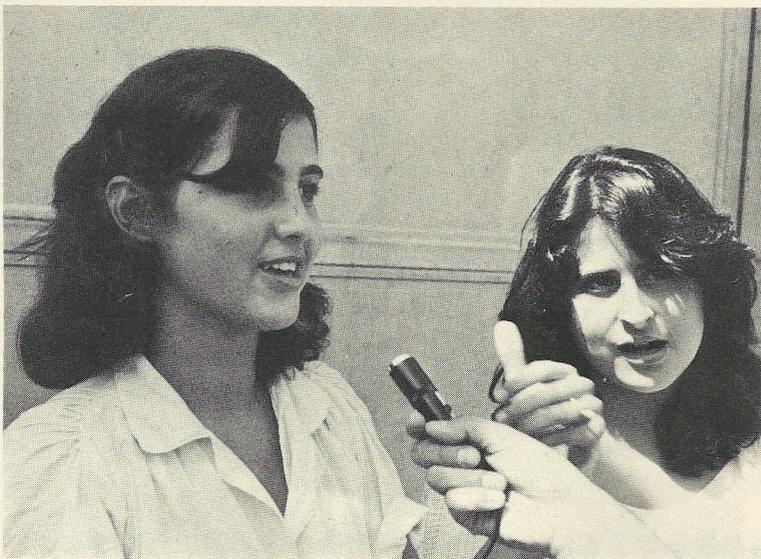
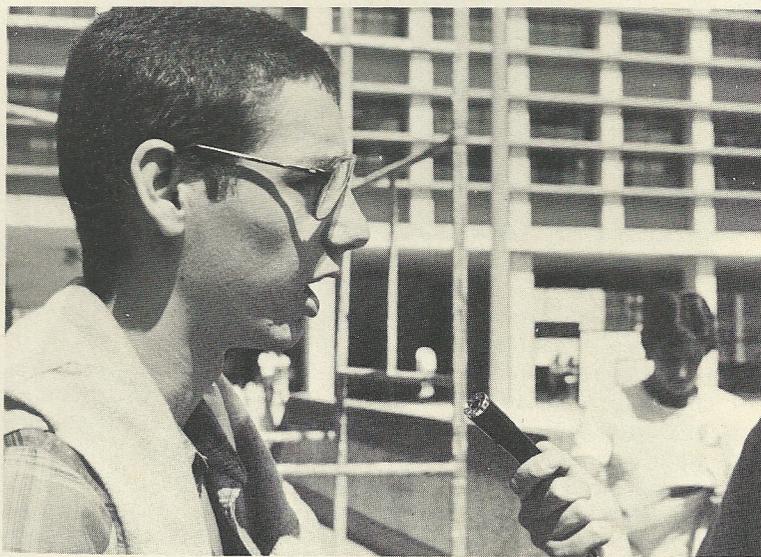
A mesma opinião é partilhada por Maria de Fátima: «Às vezes a gente passa por muitas dificuldades, das quais não sabe sair. Muitos não sabem superá-las e vão se refugiar na bebida, na droga, na discoteca. Pensam que vão se sentir felizes. Mas não! Voltam com aquele vazio. A gente vai conversar e não sai nada de dentro deles. É aquele negócio sem graça. Mas a pessoa que conhece Cristo é mais sorridente, tem muita coisa para transmitir.» «Isto porque – completaria Josiê (Jaú) – se a gente se apega a Cristo,

**LUÍS ANTÔNIO:** «... procuro viver o Evangelho no momento presente com todas as forças. Eu acho que se cada um se conscientizar do que está fazendo e se lançar a ver Cristo no irmão, enfrentando os problemas em unidade com os outros, o mundo inteiro encontraria a paz e mais liberdade.»



**BEATRIZ:** «... Cristo nos possibilita ter paz, amor ao próximo, amizade...»

**REGINA ELAINE:** «Cristo é que falta na vida da gente. Não adianta procurar o que falta, na droga e outras coisas, pois a gente tem Ele ao nosso lado.»



## O Cristo dos Jovens

Parece que na opinião de muitos entrevistados, esta descoberta de Cristo estaria à base da realização pessoal, da liberdade de cada homem e, por isso mesmo, seria a condição de possibilidade para que os homens se unam, assumindo os problemas do mundo de hoje, para construir uma nova humanidade. Como diria Ilka, ao ser entrevistada: «Cristo é um ideal para a gente seguir a fim de construir um mundo novo.»

Também no plano individual, Cristo como ideal na vida do jovem é fruto de uma busca constante. Foi o que disse Maria Emília, de Bauru: «A gente sempre procura alguma coisa. Chega uma hora na vida em que você acha que não está fazendo nada. E Cristo se apresenta como ideal. Porque tudo passa. Só ele permanece.» Um ideal fascinante, porque «nós jovens – disse ainda Valdeci – procuramos viver coisas novas, queremos aventuras. E seguir Cristo é uma aventura... Quando o conheci, Ele modificou toda a minha vida, como da noite para o dia. Ele ficou sendo o meu ideal... Quando a gente descobre Cristo, o entusiasmo deixa de ser fogo de palha. A gente se entrega totalmente.»

Depois desta resposta perguntamos onde e como eles se encontravam com Cristo.

A resposta mais freqüente foi genérica, mas cheia de significado. Entre outros, Álvaro (Campinas) diz: «Tudo o que a gente vê de bom, pode-se chamar de Cristo.» E Cecília (Santo André) explicaria com espontaneidade: «Cristo, pôxa, é tudo o que de bom a gente pode encontrar, não só na Igreja, mas nas colegas, em nossas amizades. Em tudo.» Talvez seja por este motivo que Valderez (estudante de Química em São Carlos) afirma: «Para mim, estudar é um encontro com Deus, com tudo aquilo que é Ele, através de cada reação química, de cada equação. Vejo que tudo é harmonia. Tudo é Ele.» «Eu encontro Cristo – diz também Goretti – em toda parte, em tudo o que eu faço.» E neste sentido, Sônia (Tatuí) também conta sua experiência: «Quando eu o conheci, Ele passou a ser tudo, porque com Ele é que apren-

di a amar e viver. Isto significa para mim vê-lo em cada pessoa, nas pequenas e grandes coisas, no sofrimento, de modo especial, pois é justamente nestas ocasiões que a gente consegue dispor totalmente do amor que Ele nos deu. Enfim, encontro Cristo na medida em que vivo o momento presente, fazendo cada coisa por amor a Ele.» Surgiram também respostas como a de Débora: «Encontro-o em mim, nas pessoas, na oração, na comunhão...» e como a de Rogério: «Eu quero fazer o que Cristo quer. E Ele manifesta sua vontade a mim também através do Evangelho, da Igreja, das circunstâncias em que me coloca, da voz da consciência...»

«Para mim – e concluímos com este depoimento de Fernando (São Paulo) – descobrir que posso encontrar Cristo em cada homem foi algo que transformou radicalmente o meu relacionamento com Deus e com os outros homens, abrindo-me grandes perspectivas para uma vida fecunda e gratificante, e que se torna tal na medida em que consigo ser coerente com esta descoberta. Além do mais, este tipo de relacionamento, pela experiência que fiz junto com outros jovens, pode se tornar um potente meio de renovação da sociedade.»

Os jovens entrevistados revelaram, em sua espontaneidade, que sentem Cristo como «tudo», isto é, como o «amigo», como «o ideal» que traz esperança, paz, liberdade, como o homem que torna realmente possível a realização e a renovação da sociedade.

Diante desse modo de pensar, alguém poderia objetar que Cristo não passa de um «mito» para esses jovens, ou seja, um personagem fictício em que projetam a realização de todos os seus anseios, a compensação de suas frustrações, a solução de seus problemas.

Mas Cristo será tão somente um mito? É impossível dizer que não o seja para muitos. Mas, nas entrevistas feitas, intuímos claramente, sob as palavras de muitos jovens, sob seu entusiasmo e espontaneidade vibrantes, uma profunda experiência de relacionamento com uma «pessoa viva», porque vive neles e no próximo que procuram amar.

Reinaldo Matias Fleuri

## Ciência e Técnica

Sabe-se que movimentar-se significa mudar a própria posição no espaço; mas em relação a que? Foi este o problema que fez surgir em Galileu o conceito da primeira «relatividade».

Em geral Galileu é conhecido pelo «caso Galileu», isto é, pelo choque que o grande matemático-cientista teve com a cultura leigo-teológica, dominante no seu tempo, a respeito da sua nova concepção do sistema solar. Os fatos são conhecidos: Galileu confirmava as idéias de Copérnico, segundo as quais o Sol está no centro e a Terra e os outros planetas giram ao redor dele.

Mas o valor científico de Galileu não provém desta teoria, embora tenha sido por causa dela que ele teve «dores de cabeça» por mais da metade da sua vida. O seu valor consiste principalmente em ter lançado as bases da ciência moderna, instituindo um verdadeiro método científico para questionar os fenômenos, baseado na razão e na experiência. Talvez todo o caso Galileu tenha surgido em razão deste modo de conceber a ciência, em choque com a cultura contemporânea, toda baseada na autoridade dos grandes do passado (principalmente Aristóteles), em raciocínios apriorísticos, em princípios de afirmações arbitrarias do «senso comum» e, quando convinha, numa determinada maneira de interpretar até mesmo as passagens da Sagrada Escritura.

Para ele o fundamento de uma verdadeira pesquisa científica é a razão, que, captando a natureza comum de certos fenômenos, sintetizados de modo lógico e descobre a lei profunda que os regula. Galileu é o fundador deste modo de fazer ciência.

Uma infinidade de coisas poderiam ser salientadas em relação a Galileu. Mas vou me limitar apenas à «relatividade», que, justamente por ter sido idealizada por ele, é chamada «galileana». Em síntese, Galileu intuiu que todo movimento «uniforme» (isto é, não variável) é

tem aquela paz de que necessita para enfrentar os problemas, assim como a força para dar a mão a quem precisa da gente.»

Foi o que Miriam (Assis) experi-

mentou: «Ao encontrar Cristo descobri a liberdade, isto é, a possibilidade de ser eu mesma, de eu ter a minha personalidade e de ter um relacionamento livre com as pessoas. Assim, por

exemplo, a barreira entre meus pais e mim caiu quando encontrei Cristo. Adquiri maior liberdade com eles, com meus irmãos e com todas as outras pessoas.»

## O modelo dos jovens

*Por ocasião de um congresso internacional do Movimento Gen - Geração Nova - realizado no Natal de 1977, Chiara Lubich dirigiu aos jovens estas palavras:*

**V**im aqui para lhes dizer uma coisa importantíssima, para repetir-lhes uma palavra que o Natal - mais do que qualquer outro dia - nos lembra.

O objetivo, a finalidade, o motivo pelo qual Jesus veio ao mundo está todo contido numa frase que é o nosso programa, o lema dos Gen e de todos os jovens que seguem a espiritualidade Gen: «Jesus veio pra morrer por sua gente».

E reparem que não foi apenas na cruz que Ele «morreu por sua gente», que era antes de tudo o povo hebreu e depois a humanidade toda. Não. Jesus esteve sempre pronto a «morrer por sua gente».

A sua vida é a mais luminosa demonstração dessa verdade.

Logo ao iniciar a sua vida pública, levando a luz da sabedoria aos que estavam na escuridão, já quiseram apedrejá-lo.

Mas a sua hora ainda não havia chegado. Antes Ele devia passar três anos servindo heroicamente o próximo.

Mas como foi que Jesus ofereceu-se a si mesmo para «morrer por sua gente»?

Curando aleijados, cegos, paralíticos, rejeitados pela sociedade daquela época, que via na dor uma conseqüência do pecado.

Tratando com pecadores e pecadoras públicas, mulheres da rua e ladrões.

Saciando os famintos até o ponto de fazer milagres por eles, como a multiplicação dos pães e dos peixes.



Libertando os possuídos pelo demônio.

Ressuscitando os mortos com a sua divina potência como foi o caso de Lázaro e da filha de Jairo.

Sobretudo dando uma doutrina que era a força motriz de todas essas e de outras ações magníficas e únicas que só Ele soube fazer: saciando não apenas os corpos mas também as almas, dando-se Ele mesmo como pão; lavando não apenas os corpos mas também as almas ao perdoar os pecados; consagrando com a sua benção a vida conjugal; colocando no coração de todos a semente de filhos, não só dos homens, mas também de Deus; dizendo aos seus discípulos que fizessem como ele para que jamais a humanidade ficasse privada do pão celeste nem tampouco do pão terrestre...

Prometeu para quem o seguisse com uma vida totalitária, mes-

mo se apenas espiritualmente, o cêntuplo nesta terra. Prometeu efeitos extraordinários para a oração insistente.

Deu tudo a todos sem distinção, preferindo quem tinha mais necessidade.

Eis o nosso modelo, Gen. É assim que se morre por nossa gente.

Hoje, os pobres, os cegos, os mortos, os pecadores... são outros, talvez tenham outros nomes: drogados, marginalizados, paraplégicos, pessoas com uma visão parcial da vida - apenas terrena, por exemplo - gente que odeia, que defende o delito contra a vida de qualquer idade e a mais absurda imoralidade; temos os filhos-sem-pais do divórcio, não raro alienados por não terem família; os doentes, moribundos porque não têm dinheiro; os velhos abandonados, os jovens alucinados, os transviados, os prisioneiros...

Jesus hoje viria para «morrer por esta gente»: para salvá-la de todos os males.

Mas Jesus veio há vinte séculos.

Agora ele quer voltar através de nós.

Jesus era jovem, por isso quer voltar sobretudo através dos jovens!

Não deixem escapar esta ocasião de se comprometer: isto pode ser fatal, pode ser até que jovens a quem vocês dilataram o coração com seu grande ideal universal, não encontrando logo uma ocasião concreta para arregaçar as mangas e colocar em prática o amor aprendido, unam-se a outras pessoas engajadas, mas que, não conhecendo Jesus, amanhã irão decepcioná-los.

«Morrer por sua gente» e conquistem os jovens que encontrarão nesse trabalho generoso, cotidiano, sem tréguas, nos bairros, nas escolas, nas ruas, em todos os ambientes.

Chiara Lubich